

REVIDE HISTÓRICO AO POEMA "O URAGUAI", DE BASÍLIO DA GAMA

AIRES DE MONTALBO *

Entre os livros que levei, há pouco, para a Serra do Estêvão, — Casa de Repouso São José, que é o lugar mais saudável e puro, além de belo, para quem se quer refazer de prolongada estafa, ia o volume da Coleção "Nossos Clássicos" relativo a Basílio da Gama.

Não é que desconhecesse tal autor, mas desejava-o conhecer mais profundamente. E li, com vagar, todo o volumezinho (aparato crítico de Mário Camarinha da Silva) anotando aqui e ali algumas coisas, que vou dar a conhecer aos leitores dêste jornal, em estilo plano e simples, oposto àquele bombástico e ôco, de quem invoca o Gênio da América à falta de ninfas ribeirinhas.

O poema, como nota Pedro Calmon ("Hist. do Bras.", IV, pág. 1235), é, acima de tudo, um libelo difamatório contra os jesuítas, antigos companheiros do autor que, não sem motivo, abandonou a Ordem inaciana em plena perseguição pombalina. Talvez não suportasse o cárcere da Junqueira, onde jaziam, privados de tudo, os seus antigos mestres, por amor de Cristo. (1)

NOTA DA REDAÇÃO — Estes artigos, reunidos pelo autor, saíram primeiro no jornal "A Fortaleza", de 22 de abril a 6 de junho de 1966, assinados por Carlos Ridder, que é outro pseudônimo do Pe. Aloísio Furtado, S. J.

(1) De fato, Basílio da Gama, seis meses depois de terminado o noviciado, mal começado o curso de letras humanas deixou, ainda no Brasil, a Companhia, já debaixo do furacão pombalino. Val, por conta própria, a Roma tentar nova admissão na Companhia, mas, apesar do bom tratamento a êle dispensado, não pôde ser aceito. Ficou em Roma algum tempo ensinando num Seminário, que satirizou e abandonou em seguida, tomando o caminho de Nápoles.

Volta ao Brasil, onde é prêso e remetido a Lisboa, e aí assina um termo de exílio em Angola. Safa-se por meio de um epitalâmio à filha de Pombal.

Sabemos que, conduzido por um jesuíta italiano, êle, Basílio da Gama, teve acesso à Arcádia Romana. Em Roma começou o "Uraguai" e parece que a finalidade primeira do poema era enaltecer, com musa épica, a maravilhosa organização dos "Sete Povos"... Mas depois, refundido ao gosto de Pombal, de quem Basílio se tornara amigo, por obra de um epitalâmio enviado à filha do Ministro, se tornou, inexplicavelmente, uma diatribe de típico valor voltairiano.

Como diz o autor supracitado (Calmon), Basílio da Gama sacrificou, sem pejo, ao preconceito, a nobre emoção da poesia autêntica. Foi isso o que desgostou profundamente a Capistrano de Abreu, que amava a verdade e escreveu acêrca de Basílio da Gama: "Poeta de mais talento que brio, cometeu a indignidade de arquitetar um poema épico sobre uma campanha deplorável" (o arrasamento dos "Sete Povos"...)

Da mesma forma êsse caráter calunioso e degradante repugnou a Afrânio Peixoto que, na edição da Academia Brasileira de Letras, 1941, com notas de Rodolfo Garcia, assim se manifestou: "A matéria narrada no "Uraguai" não dava um conto medíocre..." E acrescenta: "Se a fabulação é assim, o épico dos combates não é melhor: não há nenhum vislumbre de epopéia. Volta-se sempre ao mesmo refrém: salvam-no alguns versos fluidos descritivos. O mérito do "Uraguai" foi antijesuítico. Continua.

Lendo as apreciações críticas do fim do volume, vemos que os autores não são concordes na apreciação do poema: enquanto para uns é uma obra-prima, para outros não passa de poema pedestre e inframedíocre.

Sobre o autor diz Machado de Assis: — "Não lhe falta nem sensibilidade nem estilo, que em alto grau possui; a imaginação é grandemente superior à de Gonzaga e quanto à versificação nenhum outro em nossa língua a possui mais harmoniosa e pura." (Crit. III vol. das "O. Completas", Aguilar, Rio 1959.)

Já Almêida Garrett, que entendia bem de versos *brancos*, diz, por sua vez: "Mágoa" é que tão distinto poeta não limasse mais o seu poema. Se houvesse tomado êsse trabalho, desapareceriam algumas *incorrecções* de estilo e um certo desalinho geral, que muitas vêzes é beleza, mas, continuado e constante em um poema longo, é *defeito*. "Bosquejo da Hist. da Poesia e Língua Port.", Paris, 1828, pág. 47 da introdução.)

O poema foi composto na Europa. O poeta só conhecia do Brasil, Minas e Rio de Janeiro. "Desconhecia, diz Artur Viegas, as regiões e costumes das tribos em que localizou a ação. Descrevendo a América, tinha continuamente diante dos olhos a Europa, cuja civilização o deslumbrou irresistivelmente." (O poeta Santa Rita Durão, Bruxelas, 1914.)

Sobre os versos: —

*Tropel confuso de cavalaria,
Que combate desordenadamente.*

(Canto IV, 106 — 107.)

comenta Machado de Assis: "O meu bom amigo Múzzio, companheiro de outrora, crítico de bom gosto, achava detestáveis aquêles dois famosos versos" (supracitados). E tinha razão. São bem prosaicos e mediocres. (Cf. "A Semana", 7-8-1895).

Como sempre aprendi que, "*in cauda venenum*", escolho, ao acaso, alguns versos do "Uruguai", para que se veja se a sua métrica é assim tão harmoniosa e pura como disse o autor de D. Casmurro:

Que traz a rica cruz no largo peito... (I, 88)
Nem altas minas nem caudalosos
Rios... II 89. (Este verso está coxo de todo!)
Forçando os seus co'o exemplo e coas palavras, (II, 312.)
Do meio delas só a um seu aceno (III, 248.)
Que combate desordenadamente, (IV, 107.)
Nova surpresa e outro gênero de guerra, (V, 96.)

Aqui o verso claudicou. Não há jeito, Sr. Castilho, por favor! Traga a Métrica e a régua. Meçamos. Deu demais. Está quebrado! Tem 11 sílabas! Que fazer?

Girou à roda e murmurou três vêzes
Coa carcomida boca... (III, 212.)

Estamos citando, é certo, os versos mais pedestres e duros ao ouvido. Sem lançar mão de outras diéreses e epizeuxes que são às rumas. Uma pergunta: Por que é que dêste autor, obrigatoriamente, em tôdas as Antologias, só se aduz a morte de Lindóia? É porque é, de fato, o único trecho aduzível numa Seleta que se preze.

Da rica Londres trágica e funesta
O Tâmega escurece... (V, 66 — 67.)

Creio que aí houve confusão do autor. Foi um *lapsus calami*. Devia ser Tâmisia. Isso não vale nada. Não é por aí que se perderá

o poema. Afinal Tâmis e Tâmega se confundem no Oceano. Rubião diria: "*Ubi plura... Non ego!*" (2)

* * *

Resta-nos dizer algo sobre o autor. Nasceu em Minas, Vila de São José do Rio das Mortes, a 8 de abril de 1741. Aos dezesseis anos estudava no Rio, no Colégio dos Jesuítas. Chegou a entrar na Companhia em 1759, estando em curso já a perseguição pombalina. Poderia ter deixado a Ordem perseguida, mas preferiu seguir a sorte de seus irmãos exilados.

Partiu para Roma, onde (3) sobraçando o poema latino ainda hoje inédito — *Brasiliensis Aurifodinae*, sobre a extração do ouro, foi conduzido, pela mão de um jesuíta, à Arcádia Romana. Era árcade.

Cinco anos depois já o encontramos em Portugal, egresso da Ordem. Em fevereiro de 1767 volta ao Rio de Janeiro. Parte, no ano seguinte, para Coimbra e é preso pela polícia pombalina, sob suspeita de jesuitismo. Livra-se do cárcere, prometendo exilar-se em Angola.

Em 1769 fez, desde a prisão, um epitalâmio à filha de Pombal que se casava, louvando o pai da moça e atacando os jesuítas. Era o caminho da libertação imediata. E assim foi. Em vez de degrêdo lhe sobrevém a glória, diz Mário Camarinha, pois nesse ano consegue publicar o "Uruguai", baseando-se em escritos antijesuíticos de inspiração pombalina, como a "Relação Abrevlada" e a "Dedução Cronológica", — obras caluniosas e torpes.

Em 1771, já sob o patrocínio de Pombal, requer e obtém carta de fidalguia. Vêde: Basílio quer ser gente; já não lhe basta ser filho de Manuel da Costa, mineiro. É filho de algo. Dois anos depois Pombal nomeia-o seu secretário com o cargo de oficial administrativo. Economicamente está seguro.

Em 1755, ano do terremoto de Lisboa, fez epinícios à estátua de D. José, estátua em que o equino supera o Rei, diz Ramalho Ortigão. No ano seguinte dedica o poema "Campos Elíseos" aos condes da Redinha, filho e nora de Pombal. Em 1777 falece o Monarca. Pombal é destituído do cargo. O poeta é atacado pelos nobres que

(2) Alusão ao belo verso de Horácio na Arte Poética: — "*Ubi plura nitent in carmine, non ego paucis offendar maculis...*" Ou seja: quando um poema contém muitas perfeições, não serei eu que me vá scandalizar por pequenos deslizes.

(3) Onde se foi encontrar com seus antigos companheiros. Era já egresso da Ordem.

retornam ao ninho antigo. Por pouco o velho Marquês não pagou no patíbulo os crimes hediondos cometidos contra Malagrida, a nobreza e sobretudo os Távoras. É exilado para a vila que tem seu nome e em 1829 é inumado, decentemente, pelo Padre Dalvaux, jesuíta francês, chegado a Portugal para restaurar a Ordem. Que ironia da sorte!

José Basílio, como era um caluniador soez da Companhia de Jesus, pôde ler, em 1786, nove anos antes de sua morte, a "Resposta Apologética ao Poema "O Uruguai", da autoria do corajoso jesuíta alemão, Lourenço Kaulen, missionário do Brasil, com a "Prévia Notícia da Vida e Caráter do Autor", servindo de Introdução. Foi um verdadeiro emplastro de urtigas aplicado, sem dó, às espáduas do exvalido de Pombal.

Em 1788 aparece ainda o livro "Lenitivo de Saudade" à memória do Príncipe do Brasil. O homem continuava adulando a Corte! Em 1790 requer, humildemente, admissão na Ordem civil de Santiago, de Lisboa, já que estava longe do Brasil, sua Pátria... Não sabemos se foi atendido. Provavelmente não o foi, pois os ventos sopravam em contrário. Em 91 canta a lealdade do régulo negro Quitúbia, herói africano. Poema assaz medíocre. Depois de quatro anos de silêncio falece, solteirão impenitente, em Lisboa, a trinta e um de julho, festa de Santo Inácio de Loiola, já eleito para a Academia Real. Não tomou posse. Tinha 54 anos.

Este o escôrcço da vida de José Basílio da Gama, que viveu sob o domínio da família do Marquês de Pombal, conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Melo, ministro onipotente do fraco Rei Dom José I; Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Ministro da Marinha e do Ultramar, depois Governador do Grão-Pará; Paulo de Carvalho Mendonça, Inquisidor-mor, todos irmãos e membros da mesma conjura antiinaciana.

Há uma estreita ligação entre o autor de "O Uruguai" e Voltaire (Candide) de quem o mineiro usurpou o nome falsamente indígena de Cacambo. Não atinamos com a origem do ódio de Basílio à Companhia. Francisco Rodrigues e Caeiro não o explicam suficientemente.

Seria só para agradar ao déspota esclarecido que dominava Portugal e as Colônias? Visaria apenas a assegurar um pôsto rendoso na alfândega do Reino? O fato é que o Poema, começado em Roma, com intenção benévola, se transmuda no ataque mais calculado e torpe de que temos memória. Tudo o que há de ruim, nesta parte do mundo, o atribui, sem mais, aos Padres dos "Sete Povos". Responsabiliza-os, falsamente, pelo incêndio das aldeias, à aproximação de Bobadela. Rodolfo Garcia anota: "O poeta atribui aos Padres o que a "Relação Abreviada", pelas próprias palavras de Gomes Freire, imputa aos índios...

Que se há de fazer, diante de tanta desfarçatez e má vontade? — Lastimar que o Brasil haja produzido, no século XVIII, peça tão ordinária e sem caráter.

* * *

Na diatribe ou poema "O Uruguai", o despudor de Basílio da Gama é tal, que se serve, largamente, do poema latino "*Praedium Rusticum*" do célebre jesuíta francês Jacques Vanier (1664-1739) contra os outros missionários. Um jesuíta contra os jesuítas. O processo é muito fácil: basta separar um texto do contexto e aplicar a um assunto o que, no original, se refere a outra coisa, e temos o inverossímil. Vanier publicou o seu poema em Tolosa (1706) e teve mais de vinte edições num século.

O mesmo se diga do Diário do P. Tadeu Hênis, missionário, que escreveu "*La Guerra de los Guaranies*", de que Basílio da Gama abusa aqui e ali nas notas "impertinentes" do "O Uruguai" como lhes chamou José Veríssimo.

Sobre o Patusca, leigo comilão e sonolento, pura emanção mental de B. da Gama, observa Rodolfo Garcia: "Se o poeta nunca esteve no Paraguai, nem o Patusca no Brasil, onde o conheceu?" No poema, como anota Pedro Calmon, o poeta se socorre muitas vezes de Camões, usando versos inteiros dos *Lusíadas* e faz também seus empréstimos apreciáveis ao poema "*La Aracauna*". (4)

"O Uruguai" será eternamente um poema discutido e refutado desde Kaulen até ao último comentador que dêle se ocupar.

Numa das notas do "Uruguai", lemos: "O tronco da Companhia (de Jesus) está em Roma. Lá é o centro do seu poder. Ali recebe o seu Geral os avisos do que se passa em tôdas as partes do mundo; e dali, com o maior despotismo, envia suas ordens ao fim da terra. Exterminá-la das outras provincias é fazer-lhe guerra pela rama; é necessário cortar-lhe a raiz.

Ora, os tesouros das duas Índias ajudavam muito a sustentar os créditos dos jesuítas em Roma. Afortunadamente as presentes disposições tôdas anunciam a próxima total extinção daquele Corpo."

A extinção se deu, de fato, em 1773, sob Clemente XIV; e a ressurreição, efetuada por Pio VII, em 1814, a 7 de agosto, dezenove anos somente após a morte do aleivoso autor de "O Uruguai", a cuja memória, passados 171 anos, dedicamos, com vivo prazer, os 5 sonetos infra. Julgue-os o leitor.

(4) De Alonso de Ercilla y Zúñiga.

A BASÍLIO DA GAMA

*Esse que vês de imorredoura fama,
Que em solo estranho claudicando vai,
É o autor do mirífico "Uruguai",
Que a calúnia e a mentira em fios trama...*

*Era um pobre e faminto órfão de pai,
Que os jesuítas, pensando em outro Gama,
Lá ergueram, benévolos, da lama
E educaram-no bem. Vêde e pasmai!*

*Capaz foi de vender, por vinte pratas,
A própria mãe, se tal lhe conviesse,
Pois coração não têm almas ingratas...*

*Traidor, — viveu à sombra do inimigo,
E, se lhe foi fiel, como parece,
É que já estava nédio e sem perigo!*

A GLÓRIA DE TERMINDO

*"Serás lido, Uruguai!" — És ditirambo
Escrito com uma pena de urubu:
Tua púrpura antiga hoje é molambo
Com que se cobre o índio Caititu,*

*Choras, ainda, a morte de Cacambo,
Índio europeu, pintado de urucu:
E a Tanajura, em teu estilo bambo,
É a sogra vêsca de Tatuguaçu...*

*Nada, até hoje, ésse teu estro ofusca;
És irmão siamês dêsse Patusca,
Que bem pintaste em teu poema cru,*

*Soubeste armar um enrêdo assaz velhaco,
No qual o teu protótipo era Caco,
Fantasiado de Tiaraju...*

A MORTE DE LINDÓIA

*A morte heróica e inútil de Lindóia,
Prêsa de uma serpente, num desmaio,
É qualquer coisa que sòmente um raio
Pôde acender do autor na clarabóia...*

*Sim: o autor dessa trágica tramóia
Se Édipo fôra, assassinara a Laila,
Pois sempre foi vilíssimo laçao
Dos potentados dessa indiana Tróia...*

*Era de São José — Rio das Mortes,
Desde mancebo deu-se à adulação,
Loas cantando aos régios protetores,*

*Este, sim, pela origem foi vilão,
Que no poema emerge, entre coortes,
Qual o mais execrável dos traidores...*

"O URAGUAI"

*Para mim tal poema é nauseabundo,
Pois a intenção de versos tão seletos
Era exaltar os "Povos" já quietos
Na República ideal do Nôvo Mundo...*

*Depois mudou, E um ódio atroz, profundo,
Deslustrou-lhe a seqüência dos afetos:
Seus heróis são indígenas repletos
De vesano furor, cego, iracundo...*

*O autor que, se presume, era pernetta,
Engendrou, por desplante, o índio Baldetta,
Dando-lhe falsa, outra paternidade...*

*O mais é injúria e vil calúnia em jôgo,
Onde se sente a mágoa em desafôgo
Crescendo, hediondo, à custa da verdade...*

REVERSO DA MEDALHA

*Ao longe a tempestade se anuncia,
Soprada por ingente conspirata,
Que no poema ao vivo se retrata
Visando à extinção da Companhia.*

*Era a intransigência, que oprimia
A Ordem benfazeja, em hora ingrata;
E a pêso de ouro e traficância e prata
Lá lhe consegue a derrocada um dia!*

*Exulta a impiedade ao ver, por terra,
A Ordem, que mais méritos encerra,
Na difusão do Bem, que urge e procura.*

*E êle que a viu, sob opressão, cativa,
Se a visse assim, gloriosa e rediviva,
Tremeria de horror na sepultura...*

Não se diga que chegamos tarde com este "louvor" de Basílio da Gama. Chegamos muito a tempo. Poesia é colsa intemporal e se é autêntica, não teme os evos e vale até ao último dia. Pode vir de milênios. Como disse muito bem Afrânio Peixoto, enfastiado, o cântico de louvores continua...